



Biograph



CONTAR- SE PARA LER A PALAVRA:

Autora: Vera Luci Machado Prates da Silva
Doutoranda em Educação _UMESP
velups@uol.com.br

Considerações Preliminares

Ao longo de meu percurso acadêmico tenho procurado trazer comigo minha bagagem de vida e as questões da deficiência tem sido objeto de preocupação e estudo. Neste caminhar acadêmico deparei-me com a possibilidade de trabalhar com histórias de vida e em especial com a pesquisa auto-biografica, o que me tem dado uma zona de conforto para pesquisa. Tenho a vida marcada pela presença e envolvimento com pessoas com deficiência, desde a minha infância, e tenho trazido esta realidade para meu espaço de pesquisa. Trabalhei no mestrado com a questão da Inclusão de Pessoas com Deficiência na rede escolar a partir da perspectiva das famílias. Hoje no doutorado minha pesquisa está voltada para o Movimentos de Pessoas com Deficiencia.

Tenho uma filha que nasceu com uma má formação no cerebelo diagnosticada como Síndrome de Dandy Walker. O prognóstico neurológico seria de uma pessoa vegetativa, no entanto com os vários processos de estimulação hoje ela caminha, dança, enxerga, fala. Em consequência desta síndrome apresenta dificuldades em várias áreas: baixa visão, tem dificuldades motoras, dificuldade de articulação da fala. Dentro deste quadro de dificuldades tem uma memória privilegiada e uma acuidade musical acentuada.

Ela está com 22 anos, sempre frequentou a escola regular, por um período esteve em uma classe alternativa dentro da escola, mais tarde retornando a classe regular. No seu processo cognitivo teve altos e baixos. Frequentou até o nono ano, mas não consegue ler a palavra. Reconhece as letras, mas não consegue fazer leitura da palavra. Tem de memória muitos conteúdos de história, geografia, línguas (inglês e espanhol). Nunca se conseguiu detectar se isto é uma consequência de sua dificuldade visual, se é uma dificuldade do cognitivo mesmo, ou ambos.

Hoje ela não frequenta a escola, trabalha há cinco anos em um projeto na Universidade Metodista – Setor de Produtos Artesanais. Neste projeto participa do grupo de teatro, ainda na Metodista, participa do Grupo Sentir (grupo de dança) e faz capoeira. Este ano, ingressou no Grupo de Teatro “Olhos de Dentro”, um grupo inclusivo, com caráter mais profissional.

Sempre em seu caminhar demonstrou muita vontade de aprender, para Montoam, a inclusão é um ato de vontade - política e do sujeito a ser incluído. Esta vontade tem contribuído para que ela se faça incluir nos espaços que frequenta. Desde muito cedo demonstrou sua força de vontade de superar suas barreiras, muitas vezes treinando em frente do espelho. A questão cognitiva- acadêmica sempre foi um mistério. E uma pergunta sempre se coloca, o que poderia ajudar na construção de mais alguns degraus no processo de alfabetização.?

Os estudos que tenho realizado na perspectiva de pesquisa auto-biográfica ajudaram a perceber a importância de contar-se na perspectiva da construção de identidade e que esta construção traz também uma construção de mundo e um empoderamento dentro deste mundo. As leituras, as discussões e percebendo a disposição de superar barreiras, de minha filha, desafiaram-me a fazer uma experiência de leitura da palavra a partir de contar a sua própria história.

Este artigo tem como objetivo apresentar e refletir sobre esta experiência, que tomou como fundamentação idéias da pesquisa auto-biográfica e da fenomenologia.

Pilares para construção da experiência

Lendo a história de Helen Keller, e assistindo o Filme “O Milagre de Anne Sullivan” percebe-se que em meio ao caos de sua relação com a família e desconstrução do mundo em sua volta

ela demonstrava uma enorme vontade de se inserir naquele mundo. Uma atitude frequente que fica bem expressa no filme é sua insistência em pôr a mão na boca das pessoas, o que passa a estas como um comportamento agressivo, que causa medo. No entanto, a menina tinha a percepção, mesmo que inconsciente, que ali ela teria uma possibilidade de comunicação com o mundo dos falantes. Tanto que em fotos e matérias bibliográficas mostram que usou ao longo da vida, como um meio de comunicação, a utilização da mão na boca de seu interlocutor/a. “Mi mano es para mí lo que el oído y la vista juntos son para vosotros.”(KELLER, s.d, 5)

A ello le debo mi continuo contacto con el mundo exterior. También en mi mano la que me permite salir del aislamiento y de la obscuridad, mientras mis dedos anhelantes se apoderan de todo goce y actividad que encuentran a su paso. Al pasar por primera vez una simple palabra de otra mano la mía, al rozar suavemente otros dedos los míos, comenzaron la conciencia, el júbilo y la plenitud de mi vida. Como Job, siento que una mano me ha hecho, me ha dado una forma, aunque un tanto vaga, y ha moldeado mi propia alma. (KELLER, s.d., 5)

Esta incessante busca pela aprendizagem, o se deixar experimentar não a partir de suas limitações, mas das possibilidades que lhes eram apresentadas deu-lhe a possibilidade de fazer sua leitura do mundo.

La ideas forman el mundo donde vivimos, y son las impresiones las que transmiten las ideas. El mundo en el cual vivo se halla construido sobre una base de sensaciones táctiles, desprovistas de todo color y sonido físicos; pero a pesar de ello, es un mundo donde se respira y se vive. Cada objeto esta íntimamente ligado en mi mente a esas cualidades táctiles, las cuales, combinadas de diversos modos, me proporcionan el sentido del poder, de la belleza o de la discordancia; ya que con la ayuda de mis manos pueda llegar a sentir tanto lo risible como lo admirable en el aspecto de las cosas. Observad que vosotros, los que dependéis de vuestra vista, no os dais perfecta cuenta del número de las cosas tangibles que os rodean. Todo lo palpable es móvil o rígido, sólido o líquido, grande o pequeño, cálido o frío, y estas cualidades están infinitamente matizadas. (KELLER, s.d., 5-6)

Em seus relatos Helen Keller deixa claro que através da imaginação possibilitou construir o seu mundo, dando sentido e significado às formas e tessituras que seu tato lhe comunicavam.

Que insignificante sería mi mundo sin la imaginación! Mi jardín no representaría más que un trozo de tierra silencioso y salpicado de varas y estacas, en gran diversidad de formas

y aromas. Pero en cuanto el ojo de mi mente se abre la belleza que encuentra en el, el suelo raso, libre ya de malezas, se ilumina de regocijo bajo mis pies, los setos se cubren de hojas y del rosal prodiga su fragancia por doquier. Conozco cual es el aspecto de los árboles en flor y penetró íntimamente la tierna alegría de los pájaros al hacer sus nidos.

Este es el milagro de la imaginación. (KELLER, s.d.,7)

Y así es como la imaginación corona la experiencia de mis manos. Éstas aprehendieron su sagacidad de las sabias manos de la persona (aclaración de pie de página: Miss Silluvan, maestra de Helen Keller) que, guiada por su imaginación poderosa, supo conducirme felizmente por senderos desconocidos, lograr que la sombra se convirtiera el luz y hacer más fácil mí paso al través de los caminos tortuosos. (KELLER, s.d.,7)

A imaginação, segundo Rui Josgrilberg ,

é uma atividade intencional que trabalha a objetivação e a ideação de algo . Passiva ou ativa, trabalha ao lado de outras intencionalidades como percepção, linguagem ou sentimento. Trata-se de outro modo de tornar algo presente. A imaginação é “outro modo” de trabalhar com os objetos dados à nossa consciência. (JOSGRILBERG, 2012: 10)

Neste sentido ela ganha relevância no processo de construção de mundo, tanto trazendo a memória sensações e sentimentos já experimentados assim como despertando outros que podem ganhar sentido no entrelaçamento de vivencias anteriores ou possíveis. “ A busca de sentidos é a expressão da contínua sede do corpo e da alma. Sede múltipla, sede de diferentes águas e diferentes vinhos! ” (GEBARA, 2010:180). Vivemos e é pelo vivido e no vivido que se faz historicidade. É no vivido que temos nossas emoções, nossos afetos, nosso inconsciente. Certamente, neste vivido está um emaranhado de acontecimentos, sentimentos, situações que vão constituindo a vida de cada um, de cada uma. (Borba: 2004). Segundo Gebara: “ o mundo começa a partir de meu mundo pessoal. O mundo para mim é aquilo que *interpreto* como mundo.” (GEBARA, 2005: 28) Seguindo esta perspectiva tomamos o pensamento de Remi Hess (2004) que entende que a vida é constituída de momentos. Define momento como “tempo-espaco que o sujeito se dá para se construir” dando, assim, a possibilidade da construção consciente de sua própria subjetividade. Os momentos não são tempos e espacos estanques, são vivencias que vão se entrelaçando e construindo significados e identidade, são pilares para a construção da subjetividade. Para Hess (2004, p. 35) “O momento é constituído de um conjunto de elementos materiais, psicológicos (afetivos) e passionais” desencadeado por um outro momento. Pode-se dizer que, a princípio, ele se alimenta de nossa herança, depois cresce e evolui. É um feixe de várias ramificações que vão

constituindo nosso presente. Temos vivências e quando pensamos as nossas vivências passamos a ter experiências (JOSSO, 2004). Tendo em vista as vivências e que estas deixam de ser passado, são constituidoras do presente e alicerces para o futuro. Estes elementos são constituintes de nossos momentos e, por consequência, estes momentos são constituintes de nossa subjetividade.

Entendo que neste processo de construção de si mesmo, com a possibilidade imaginativa se estabelece o processo de construção de mundo. Conforme Ivone Gebara referindo-se ao reescrever a história de vulnerabilidade “ a história de nosso corpo tornava-se o ponto de partida para o conhecimento do mundo! ” (GEBARA, 2010:181)

Na perspectiva fenomenológica “mundo significa horizontes” (horizonte transcendental de produção de sentidos/ formação de sentido). Um horizonte que não se explica por causa e efeito. Se explica pelas condições da experiência elaborada sempre com a percepção de sentido. A experiência deve sempre fazer sentido. Dentro de um mundo horizonte cabe outros mundos possíveis.

O ser humano por colocar ativamente na constituição de seu mundo, cuja abertura permite a constituição de um mundo comum a todos, pode conter, e isso já um acréscimo fenomenológico, uma diversidade de mundos possíveis em seu mundo. Isso me parece essencial: nós formamos um mundo que pode conter todos os mundos pensáveis e possíveis. Mundo aqui é horizonte. Nós somos formadores de nosso mundo porque a constituição de sentido possui um aspecto ativamente humano de doar uma ordem ao nosso entorno, doar sentido às coisas, e abrir o mundo como horizontes para outros mundos possíveis. (JOSGRILBERG, 2012: 6)

Pensando em uma possibilidade educativa e em especial no exercício de leitura não há como não recorrer ao educador Paulo Freire. Em todo desenvolvimento de sua pedagogia apresenta o ser humano como um ser inacabado, sempre com a possibilidade de ser mais. Sua teoria e prática pedagógica é uma constante “aposta” no **inédito viável**.

O “inédito viável” é a na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um ‘percebido destacado’ pelos que pensam utopicamente, esses sabem então que o problema não é mais sonho, que ele pode se tornar realidade. (Ana Maria Freire, in FREIRE, 1999:206)

Caminhar em direção ao ser mais, segundo Paulo Freire (2003), é a vocação do ser humano, acontece no encontro de subjetividades em uma relação dialógica. Sendo ser humano é o centro do processo de construção de conhecimento, é preciso caminhar junto, ouvir, perguntar,

deixar falar, sinalizar e criar possibilidades de neste exercício de leitura da realidade, se desvendar novas possibilidades, de modo que o educando se insira na “comunidade” humana como integrante dela, sujeito de transformação da realidade. O processo de leitura dos acontecimentos e reflexão sobre eles possibilita “*tomar distância*” de nós mesmos. *Em certo momento não apenas vivíamos, mas começamos a saber que vivíamos, daí que nos tivesse sido possível saber que sabíamos e, portanto, saber que poderíamos saber mais.* (FREIRE, 1999:98)

Para Freire, a educação como ato de conhecimento vai além de aquisição de conteúdos, estende-se a conhecer a *razão de ser dos fatos econômicos, sociais, políticos, ideológicos, históricos* a que estejamos submetidos. (FREIRE, 1999:102)

Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior - o de conhecer, que implica re-conhecer. No fundo, o que eu quero dizer é que o educando se torna realmente educando quando e na medida em que *conhece*, ou vai conhecendo os conteúdos, os objetos cognoscíveis, e não na medida em que o educador *vai depositando* nele a descrição dos objetos ou dos conteúdos. (FREIRE, 1991:47)

Pensando em educação inclusiva Mantoan (1997) afirma que “ o fim último da educação inclusiva é a conquista da autonomia moral e intelectual de pessoas com deficiência”. Isto nos reporta a idéia de autor-cidadão defendida por Barbosa (2000) que aponta o aluno como construtor da sua própria história e ao mesmo tempo construtor da história participando de todas as perspectivas da vida.

A postura educacional deve ser de apostar no incerto e trilhar em um caminho que precisa ser descoberto a cada passo, partindo do princípio do que está dado não era definitivo. Mantoan fala em déficit real e circunstancial, refere-se a déficit real aquele dado pelo diagnóstico médico diante da anomalia ou lesão apresentada, poderia se dizer que seria o diagnóstico patológico. O Déficit circunstancial seria a interação entre a incapacidade física e/ou mental e os obstáculos que o social interpõe entre o sujeito e o meio. (MANTOAN, 2000. P 18). Este pensamento encontra eco no pensamento de FEUERSTEIN que aponta que o objetivo não deve ser de definir as características estáveis mas procurar formas para superar as abarreira impostas, “*é conhecer as diferenças de forma a sobrepujá-las.*” (in BEYER, 2002. p 72) Estes pensamentos sustentam-se na teoria de Vygotsky da zona de desenvolvimento proximal. Segundo ele:

Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 2000. P 112)

FEUERSTEIN defende a mediação como instrumento de estimulação e possibilidade de transpor barreiras de aprendizagem, VYGOTSKY defende a troca entre alunos/colegas com “níveis” diferentes de aprendizagem. A escola pode proporcionar estes procedimentos que ajudam a construção da educação.

“as formas de funcionamento cognitivo são construídas através dos processos intersíquicos, vivenciados pelo sujeito. Estes processos intersíquicos acontecem a nível das interações vividas pelo indivíduo no seu grupo cultural” (VYGOTSKY, apud BEYER, 2002.p 53).

Pensando ainda em Paulo Freire que enfatiza a capacidade do ser humano de ler o mundo

ato de Ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. (FREIRE, 1984: 11-12)

Com ela, a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura com a “leitura” do mundo. Com ela, a leitura da palavra foi a leitura do mundo da “palavramundo”. (FREIRE, 1984: 17)

Diante destas considerações surgiu a ideia de trabalhar com a JU a leitura a partir de seu mundo. Ela gosta muito de falar, ela tem linguagem e uma memória privilegiada. Para Austin, falar é “fazer coisas com as palavras” (Apud RICEOUR, 2006: 110). “Ao imaginar a ideia de capacidade pelo poder dizer, conferimos de saída à noção de agir humano a extensão que justifica caracterização como *homem capaz de si* que se reconhece em suas capacidades. ” (RICEOUR, 2006: 110)

Partindo desta reflexão passamos a fazer a primeira experiência que serviu como oportunidade de se contar, escrever e ler o que se contou. O primeiro passo foi dar a ela a oportunidade de se contar. Para Ivone Gebara “contar já é interpretar” (...) o ouvir a narração já é reinterpretar o que foi contado” (GEBARA, 2000a: 47).

A experiência do “contar” não só indispensável, mas revela nossa própria condição humana. Somos seres que nos contamos sempre e, a cada vez, guardamos os traços do passado à luz do presente. O presente muda a compreensão que temos do passado e de nós mesmos. O presente introduz novas mediações para compreender o passado e parece às vezes ampliar ou às vezes diminuir seu significado (GEBARA, 2000a, p. 48).

Nesta perspectiva, as narrativas de História de Vida não se constituem apenas no relato de uma história que passou, ela aponta para um *vir a ser*. Para Delory_Momberger (2008) a narrativa não é só o lugar no qual o indivíduo *toma forma*, mas é o espaço que possibilita a este ser sujeito de uma história a ser construída.

A “história de vida” não é a história da vida, mas a *ficção* apropriada pela qual o sujeito se produz, como projeto dele mesmo. Só pode haver sujeito de uma história a *ser feita*, e é, à emergência desse sujeito, que *intenta* sua história e que se experimenta com projeto, que responde o movimento da biografização (DELORY-MOMBERGER, 2008: 66)

O segundo momento constituiu-se em escrever o que ela contava. Tomando sua conversa, confeccionando frases simples que eram repetidas pausadamente para que ela própria a escrevesse. No início ela escrevia em um caderno com linhas ampliadas para facilitar a visualização. Com o passar do tempo preferiu escrever no computador com letras ampliadas.

O terceiro, passou a ser a leitura do que havia escrito. Houve alguns momentos de euforia por ver o que havia produzido e após a tentativa da leitura, agora já não mais lendo letra por letra, mas procurando ler a palavra.

Esta tentativa também se baseia na intuição de que tentar ler a sua história, onde está contido os: eu vivido e suas emoções dê sentido a uma grafia que tem uma lógica léxica mas pode não ter sentido vivencial. É uma tentativa de que na palavra escrita se reconheça uma vivencia registrada e significativa. Que faz parte de seu mundo estruturado e estruturante. Esta intensão baseia-se em Paul Ricoeur referindo-se a Le Grand Robert que diz:

certamente o lexicográfico não tem “a pretensão de construir os conceitos e a imagem do mundo” Ele se limita a refletir a organização semântica da linguagem por meio de uma série de enunciados em língua natural segundo uma retórica “inteiramente didática em seu espírito” (RICOEUR, 2006: 21)

No que diz respeito ao vocábulo “reconhecer”, que serve aqui como prova para as concepções lexicográficas, as ideias –mãe são reduzidas a três:

I. apreender (um objeto) pela mente, pelo pensamento, ligando entre si imagens, percepções que se referem a ele; distinguir, identificar, conhecer por meio da memória, pelo julgamento, pela ação.

II. Aceitar, considerar verdadeiro (ou como tal)

III. Demonstrar por meio de gratidão que se está em dívida com alguém (sobre alguma coisa ou ação) (RICOEUR, 2006: 22,23)

Nesta perspectiva há que se dar a possibilidade de reconhecer no lexicográfico a estruturação de sentido que faz parte do mundo vivido e estruturado a partir do experienciado e do imaginado e que dá legitimidade como verdade. “ Reconhecer enquanto ato expressa uma pretensão, um *claim*, de exercer um domínio intelectual sobre o campo de significações, das asserções significativas. ” (RICOEUR, 2006: 28). “ O texto não se torna mais um estranho diante de mim, mas algo com o que entro num processo nunca acabado de compreensão de minha existência e do mundo que me rodeia” (GEBARA, 1974:15)

Voltando ao pensamento de Austin falar é “fazer coisas com as palavras” então, ler seria reconhecer o que foi feito com a palavra dita ou o que o eu fez com a palavra, que significa o que foi feito no vivido.

Como se deu o processo de construção?

A. Contextualização

JU gosta muito de dançar. Participa do Grupo Sentir, grupo de dança criativa com a participação de pessoas com deficiência na UMESP. Já participou de várias apresentações com o Grupo e com participações solo. No ano anterior escolheu a imagem de uma bailarina para capa do convite para seu aniversário. No período de férias estava sentindo muito a falta do grupo e da dança, falava constantemente e queixava-se da falta que sentia.

B. Passos

1. Com base neste contexto escolhemos e ampliamos a imagem e conversamos sobre a bailarina e sobre a Ju bailarina. A partir daí foram formuladas frases para que ela escrevesse no caderno. A princípio era preciso repetir sílaba por sílaba.

2. Após a escrita no caderno foi feita a leitura do texto. A primeira vez uma leitura silábica e em um segundo momento já apareceu a leitura de palavras.
3. Após foi feita a transcrição para o computador, com letras bastante ampliadas. Posteriormente nova tentativa de leitura.
4. Neste estágio do processo houve o aniversário de um amigo, ela foi e lá dançaram, então ela quis continuar a história. Foram acrescentadas mais duas frases.
5. História pronta - foi feita a impressão do texto.
6. Leitura do texto impresso
7. Leitura do texto para o pai.

A BAILARINA



A BAILARINA DANÇA.

EU JULIANA SOU BAILARINA.

A BAILARINA GOSTA DE MÚSICA.

A BAILARINA JULIANA ESTÁ COM SAUDADE DE DANÇAR.

EU FUI NO ANIVERSÁRIO DO MATEUS.

LÁ EU DANCEI.

Considerações Finais

Depois desta experiência ela não quis mais escrever no caderno foi direto no computador. Hoje ela tem três momentos contados em registro. (visita a um nenê, foi muito marcante porque foi a primeira vez que pegou um bebê no colo e outra é um final de semana em um sítio).

Como é uma relação familiar e os horários não são muito propícios estes momentos não tem sido muito frequente, mas das experiências que tivemos deu para perceber uma relação mais aproximada com a palavra. A tentativa de ir além da letra. Também despertou um interesse em ler, onde encontra escritos que sua vista pode decifrar, faz questão de ler.

Há poucos dias ela fez aniversário e coloquei uma postagem no *facebook*. Recebemos inúmeras mensagens de pessoas amigas algumas que ela nem conhece. Li algumas para ela e perguntou: como eu vou poder ler é muito pequeno? Estamos providenciando, especialmente as de pessoas que tenham maior significado para ela, algumas que até estão distantes no tempo e no espaço, mas que permanecem muito “vivas” em sua memória, para que possa lê-las.

Entendemos que este processo de reconhecer no texto escrito dá um novo significado para aquele lexicográfico, que agora não mais apenas um registro de traços que tem uma lógica dentro de seu padrão léxico, mas que para ela faz parte de seu mundo e que com

o tempo poderá ajudar a construir outros mundos possíveis através da significação do vivido e das possibilidades construtivas da imaginação.

Consideramos ainda que este processo tem importância pela possibilidade de construção da subjetividade e um sujeito que pode narra-se de diferentes formas. Esta descoberta da subjetividade traz autonomia e nesta autonomia empoderamento.

A escrita é, para o sujeito, um instrumento de poder sobre a sua própria vida, um instrumento de autorização, na medida em que, pelo escrito autêntico, o escrito que se inscreve numa relação humana autêntica, ele se assume, como autor e é como tal reconhecido. (OLIVEIRA, 2014:164)

Esta é uma experiência, que além de ser uma muito existencial, porque faz parte do mundo familiar e está imbricada fortemente a relação mãe e filha, pode ser estendida para outros espaços educativos. Levando em conta a história de vida da pesquisadora, sua vivência e experiência entendo que isto autoriza a sair do seu mundo particular para um horizonte mais amplo que possibilita estender estas reflexões para outras realidades educativas. Este processo tem trazido a inquietação sobre a possibilidade de uma atuação semelhante com crianças copistas.

Referencias

BARBOSA, Joaquim (Org.). *Autores Cidadãos: A sala de aula na perspectiva multirreferencial*. São Carlos: São Bernardo do Campo: EduUFSCar, EduUMESP

BEYER, H. O. *O Fazer Psicopedagógico: a abordagem de Reuven Feuerstein a partir de Piaget e Vygotsky*. Porto Alegre: Mediação, 1996

BORBA, Sergio da Costa. A linguagem do tempo nas situações educativas. IN: *Multirreferencialidade e Educação*. Educação & Linguagem, ano 7, nº 9, jan. – jun. 2004, São Bernardo do Campo, SP. UMESP. P 45 – 54

DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRN, São Paulo: PAULUS, 2008.

FREIRE. Paulo *A importância do Ato de Ler: três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez. 1984 (Coleção polêmicas do nosso tempo;4)

_____. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. *Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis*. 2ªed. rev. São Paulo: UNESP, 2003. (Série Paulo Freire)
GEBARA, Ivone.

GEBARA, Ivone. *O problema do mal na hermenêutica de Ricoeur*. Tese apresentada como exigência parcial para a obtenção de título de Doutor em Filosofia à comissão julgadora da Universidade Católica de São Paulo, 1974.

_____. *Rompendo o Silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. 2ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

_____. *As águas do meu poço: reflexões sobre experiências de liberdade*. São Paulo: Brasiliense, 2005

_____. *Vulnerabilidade, Justiça e Feminismo*. Antologia de textos. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2010.

HESS, Remi. A teoria dos momentos contada aos estudantes. IN: *Multirreferencialidade e Educação*. Educação & Linguagem, ano 7, nº 9, jan. – jun. 2004, São Bernardo do Campo, SP. UESP. P 26 – 44

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de Vida e Formação*. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

JOSGRILBERG, Rui. Da formação de mundos à imaginação educadora. In: *NOTANDUM* 30 set-dez 2012 CEMOrO-Fuesp/IJI-Universidade do Porto.

KELLER, Helen. *El Mundo Donde Vivo*. Trad. Maria del Carmen Pasman. (texto disponibilizado pelo professor).

MANTOAN, M.T. *Ser ou estar, eis a questão*; explicando o déficit intelectual. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

_____. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?*. São Paulo: Moderna, 2003.

OLIVEIRA, Anne-Marie Milon. Escritas de si, poder e autorização. IN: SOUSA, Eliseu Constantino de; BALASSIANO, Ana Luiza Grillo; OLIVEIRA, Anne-Marie Milon. (ORG). *Escrita de si, resistência e empoderamento*. 1ª ed. Curitiba, PR: CRV, 2014

RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

VYGOTISKY, L.S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores/ L.G.Vigotski; org. Michael Cole et al. Trad.José Cipolla Neto*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.